

A natureza do bem

Santo Agostinho

Capítulo I

Deus, bem supremo e incorruptível.

Deus, este é o bem supremo e infinito. Isto é dizer claramente que este bem é soberanamente imutável e, assim, essencialmente imortal, essencialmente eterno. Todos os outros bens particulares não possuem outro princípio que não seja este bem supremo, mas eles não são da mesma natureza. O que é da mesma natureza que ele não é outra coisa além dele mesmo.

Mas, o que foi feito por ele não é o que é ele mesmo. Já que só ele é imutável, todos os outros bens tirados do nada são submetidos à mudança. Se eles existem, foi dele que receberam a existência, pois ele é onipotente e do nada ou do que não existe ele pode criar bens, dos maiores aos menores, celestes ou terrestres, espirituais ou físicos.

Ele é também soberanamente justo. Eis por que o que ele tirou do nada, não pode se igualar ao que ele gerou de sua própria natureza.

Assim então, todos os bens particulares, qualquer que seja seu grau na escala dos seres, tanto os maiores como os menores, só possuem Deus como princípio.

Por um lado, toda natureza, enquanto natureza, é sempre um bem. Desta forma, ela é, necessariamente, obra do Deus supremo e verdadeiro, pois todos os bens, cuja excelência os aproxima do soberano bem ou

cuja simplicidade os afasta dele e os coloca no último lugar, todos têm infalivelmente como princípio o bem supremo.

Daí concluo que todo espírito está submetido à mudança e todo corpo vem de Deus. Espírito e matéria; está aí toda a natureza criada. Portanto, toda natureza é necessariamente espírito ou corpo.

Deus também é espírito, mas um espírito imutável. Todo espírito submetido à mudança não passa de uma natureza criada, embora superior ao corpo.

Por seu lado, o corpo não é um espírito, embora em sentido figurado chamemos o vento de espírito, por que ele nos é invisível propriamente, embora seus efeitos nos sejam perfeitamente sensíveis.

Capítulo II

Como estes dois princípios bastam para refutar os maniqueístas.

Conhecemos pessoas que, não podendo compreender que toda natureza, espírito ou corpo, é bom propriamente, por que elas veem o espírito vítima da iniquidade e o corpo, da mortalidade, não encontram outra opinião a sustentar do que afirmar que Deus não é o autor do espírito mau e nem do corpo mortal. É a eles que nos dirigimos neste momento.

Elas admitem que tudo o que é bom não tem outro princípio que não seja o Deus supremo e verdadeiro. Esta é uma verdade fora de qualquer discussão e eu declaro que se elas querem pesar suas consequências, só ela já basta para arrancá-las do erro.

Capítulo III

Os bens gerais que encontramos nas coisas criadas.

Nós cristãos católicos adoramos o Deus que é o princípio de todos os bens, grandes ou pequenos; princípio de toda medida, grande ou pequena; princípio de toda forma, grande ou pequena; princípio de toda ordem, grande ou pequena.

Quanto mais as coisas criadas refletem a medida, a forma e a ordem, mais elas são boas. Quanto menos elas brilham pela medida, a forma e a ordem, menos elas são boas.

Sem falar de um grande número de outras características que decorrem mais ou menos diretamente destas, eu digo que a medida, a forma e a ordem são três bens gerais que encontramos em todas as coisas criadas, sejam espirituais ou físicas.

Deus ultrapassa, portanto, infinitamente, toda criatura, quanto à medida, quanto à forma e quanto à ordem. Não se trata aqui de uma superioridade resultante da elevação espacial, mas de um poder infável e divino, donde decorre necessariamente tudo o que é medida, forma e ordem.

Onde estas três características estão em um alto grau, o bem aí está na mesma proporção. Da mesma forma, o bem é medíocre onde elas estão em um grau fraco. Elas são nulas? O bem aí é igualmente nulo.

Da mesma forma, onde estas três características são grandes, as naturezas são grandes. Se elas são fracas, as naturezas são pequenas. Se elas inexistem absolutamente, a natureza é nula.

Portanto, toda natureza é boa.

Capítulo IV

O mal é apenas a corrupção da medida, da beleza e da ordem.

Antes de perguntar de onde vem o mal, é preciso primeiro pesquisar qual é sua natureza. Ora, o mal não é outra coisa além da corrupção ou da medida ou da forma ou da ordem natural.

A natureza má é, portanto, aquela que é corrompida, pois toda natureza que não é corrompida é boa.

Mesmo a natureza corrompida não deixa de ser boa, na medida em que é natureza. Mas ela é má na medida em que está corrompida.

Capítulo V

Uma coisa de ordem superior, embora corrompida, é melhor do que uma coisa de ordem inferior, embora não corrompida.

Pode acontecer de uma natureza, colocada em uma ordem mais elevada quanto à medida e quanto à forma, se corrompa e permaneça, no entanto, superior a outra não corrompida, mas colocada em uma ordem inferior quanto à medida e quanto à forma.

Assim, na avaliação humana, o ouro, mesmo corrompido, é melhor do que a prata não corrompida e a prata, mesmo corrompida, é melhor, por sua vez, do que o chumbo não corrompido.

Da mesma forma, um poder racional, mesmo corrompido, continua superior a toda substância privada de razão, mesmo não corrompida. Um espírito, mesmo corrompido, é superior a um corpo, mesmo não corrompido.

De fato, toda natureza que, em virtude de sua superioridade sobre o corpo, é para ele um princípio de vida, é sempre superior a uma natureza que não tem vida por ela mesma. Suponhamos um espírito de vida por mais corrompido que ele seja, ele sempre pode dar a vida ao corpo e, nesta qualidade, estando corrompido, ele é superior ao corpo, mesmo estando em toda sua integridade.

Capítulo VI

A natureza incorruptível constitui o soberano bem.

Se a corrupção destrói, nas coisas corruptíveis, tudo o que o que nelas constitui a medida, a forma e a ordem, ela destrói também, por isso mesmo, a própria natureza.

Segue-se daí que toda natureza essencialmente incorruptível é, por isso mesmo, o soberano bem, ou seja, Deus.

Portanto, toda natureza submetida à corrupção não passa de um bem imperfeito e particular, pois a corrupção só pode atingi-la destruindo ou diminuindo nela o que constitui sua bondade.

Capítulo VII

Para as almas racionais há uma corrupção voluntária e uma corrupção penal.

O dom propiciado pelo Criador às criaturas mais superiores, ou seja, aos espíritos racionais, é de uma maneira tal que se elas quiserem elas podem se livrar da corrupção.

De fato, se elas se conservam em uma perfeita dependência com relação ao Senhor, elas permanecem em comunicação com sua beleza incorruptível. Pelo contrário, se elas se revoltam contra Deus, é voluntariamente que elas se dedicam à corrupção do pecado e em seguida sofrerão involuntariamente a corrupção como castigo.

Deus é para nós um bem tão grande e tão generoso que, nos prendendo a ele, nenhum mal pode nos atingir. Da mesma forma, dentre as coisas criadas, a natureza racional é uma coisa tão excelente que nenhum bem pode torná-la feliz, a não ser Deus.

Ao pecar, o ser humano sai da ordem e o castigo o faz voltar a ela. Mas, por que essa ordem não está conforme com sua natureza, nós a chamamos de punição. Pelo contrário, visto pelo lado de sua falta, esse

castigo lhe é perfeitamente apropriado. E é por isso que o chamamos de justiça.

Capítulo VIII

Do que resulta a beleza do universo.

Fora do espírito racional, nenhuma das outras criaturas inferiores pode ser nem feliz e nem infeliz. No entanto, como a ordem e a forma tornam essas naturezas boas propriamente e como, nessa qualidade, foi de Deus somente que elas receberam a existência e a bondade, nós afirmamos sem medo que essas naturezas de um grau inferior foram ordenadas de tal sorte que as mais fracas devem ceder às mais fortes, as mais frágeis às mais duráveis, as mais impotentes às mais potentes, as terrestres às celestes. A harmonia do conjunto resulta dessa dependência geral.

Na ordem natural, as coisas aparecem e desaparecem para dar lugar à outras. Essa variedade é uma das principais características da beleza. Dessa maneira, o que perece ou deixa de ser não prejudica em nada a medida, a forma e a ordem do conjunto.

Examine um discurso; cada sílaba, cada som nasce e desaparece e dessa sucessão bem harmoniosa resulta a beleza do discurso.

Capítulo IX

Cada falta tem seu castigo determinado.

Quanto a fixar a natureza e a gravidade do castigo devido ao erro, o ser humano não pode nada; só Deus é seu juiz. Quando Deus livra do castigo os pecadores arrependidos, isto é um efeito de sua bondade infinita, mas não há nenhuma injustiça de sua parte, quando ele golpeia o culpado com o castigo que ele merece, pois a natureza da ordem exige que o pecador sofra mais em seu suplício do que goze impunemente em seu pecado.

Pois bem! Mesmo oprimida em seu castigo, essa natureza ainda apresenta medida, forma e ordem. Ela ainda é, portanto, um bem, propriamente. Ela só deixaria de ser um bem deixando de ser uma natureza, ou seja, perdendo inteiramente a medida, a forma e a ordem.

Capítulo X

O nada, princípio e causa da corrupção.

Todas as naturezas corruptíveis só são naturezas por que receberam a existência de Deus.

Por outro lado, elas não seriam corruptíveis se tivessem sido geradas da substância divina, pois então, elas seriam o que Deus propriamente é. Por conseguinte, seja qual for a medida, a forma ou a ordem que elas desfrutem, elas só desfrutam por que foram criadas por Deus e, se elas são corruptíveis, é unicamente por que foram tiradas do nada.

Não é então um sacrilégio audaz igualar o nada a Deus, comparando o que nasceu de Deus com o que saiu do nada?

Capítulo XI

Como uma coisa pode prejudicar e a quem.

Nada pode prejudicar a Deus, seja de que maneira for. Quanto às criaturas, nada deve lhes prejudicar injustamente.

De fato, se houver quem prejudique injustamente, a vontade injusta que o dirige lhe será imputada como um crime.

Por outro lado, o poder que permite prejudicar é obtido de Deus mesmo e Deus sabe quais os castigos que merece aquele a quem ele permite que o mal aconteça, mesmo que este não o saiba.

Capítulo XII

Todos os bens procedem de Deus.

Se aqueles que supõem a existência de uma natureza que Deus não criou, quisessem refletir sobre essas considerações tão simples e tão evidentes, eles não seriam mais tentados a recorrer a essas numerosas blasfêmias por meio das quais eles pretendem conciliar o soberano mal com bens de todos os tipos e encontrar em Deus males numerosos.

Como eu disse, bastaria, para conduzi-los à verdade que a evidência os atinge apesar deles, que eles desejassem não perder de vista que tudo o que é bom só pode vir de Deus. Sustentar que os grandes bens

procedem de um lado e os pequenos de outro, é um absurdo. Todos os bens, sejam grandes ou pequenos, não possuem outro princípio além de Deus, que é o soberano bem.

Capítulo XIII

Deus, fonte de cada bem particular.

Enumeremos todos os bens na quantidade que nos seja possível e quando tivermos atribuído a Deus todos aqueles dos quais ele é a fonte, veremos se, fora desses bens, uma única natureza nos parece capaz de existir.

Toda vida grande ou pequena, toda potência grande ou pequena, toda saúde grande ou pequena, toda memória grande ou pequena, toda força grande ou pequena, todo intelecto, toda tranquilidade, toda riqueza, todo sentimento, toda luz, toda suavidade, toda medida, toda beleza, toda paz e outros bens semelhantes, sejam espirituais ou físicos, toda medida, toda forma, toda ordem grande ou pequena, tudo isso só pode vir de Deus.

Aquele que quiser abusar desses bens, Deus o atingirá em sua justiça.

Suponha, pelo contrário, que nenhum desses bens exista; como uma única natureza poderia existir?

Capítulo XIV

Por que os bens inferiores são designados diferentemente?

Dentre esses bens, aqueles que são de ordem inferior trazem, é verdade, nomes contrários, mas isso é só por comparação com aqueles de ordem superior.

Por exemplo, a forma humana é o verdadeiro modelo da beleza. Se você a comparar com a do símio, este último lhe parecerá de uma deformidade verdadeira. Isto basta para que um ignorante se engane ao ponto de chamar a primeira de bem e a segunda de mal. Ele não considera no corpo do símio a medida que lhe é própria, a harmonia dos membros, a concordância das partes, o cuidado com sua existência e um grande número de outras coisas que seria muito longo enumerar.

Capítulo XV

A beleza no corpo de um símio é um bem, embora de ordem inferior.

Façamos um esforço para sermos compreendidos, mesmo pelas inteligências mais lentas. Pressionemos aqueles que se obstinam em sua resistência e se recusam a admitir a evidência. Perguntemos-lhes se a corrupção pode prejudicar o corpo de um símio. Se a corrupção pode torná-lo mais feio, o que ela tirará dele? Não é o bem da beleza? Pelo contrário, quanto mais tempo durar essa beleza, mais tempo sobrevive a própria natureza do corpo.

Mas, já que a natureza é destruída pela própria destruição do bem, é preciso concluir, rigorosamente, que a natureza é um bem.

Mesmo na lentidão vemos o contrário da rapidez e, no entanto, não podemos chamar de lento aquele que não faz nenhum movimento.

O som agudo nos parece contrário ao som grave. Faça com que a voz não tenha nem forma e nem características; você cairá no silêncio mais profundo e, no entanto, o silêncio é visto como sendo o contrário da voz.

O que é claro e o que é obscuro nos parecem duas coisas contrárias e, no entanto, mesmo o que é obscuro possui ainda alguma luz, pois, se a luz faltasse absolutamente, as trevas, na ausência de toda luz, seriam o que é o silêncio com a ausência de toda voz.

Capítulo XVI

Deus ordenou justamente a privação dos bens.

Nós observamos nas coisas criadas uma bela variedade na distribuição dos bens e, por pouca atenção que se dê, ficamos impressionados pelo admirável sucesso no qual eles se apresentam.

Por exemplo, Deus, ao privar de luz certos lugares do mundo e certas horas do dia, se mostrou tão sábio na formação das trevas quanto na formação do dia. Os silêncios com os quais entrecortamos um discurso realçam sua beleza e provam nosso talento. Quão mais belas são

seguramente as privações realizadas em certos objetos por parte do Criador de todas as coisas!

Daí vem que, no cântico dos três jovens israelitas¹, a luz e as trevas louvam juntas o Senhor, ou seja, elas despertam a necessidade do louvor no coração daqueles que sabem contemplá-las.

Capítulo XVII

Nenhuma natureza é má propriamente.

Nenhuma natureza é, como tal, má e o mal nela é apenas uma diminuição do bem.

Se, de tanto diminuir, o bem desaparecesse inteiramente, toda natureza seria aniquilada por causa disso. Não somente essa natureza em particular, não somente a natureza imaginada pelos maniqueístas e na qual encontramos tantas características de bondade, mas toda natureza possível de ser imaginada.

Capítulo XVIII

O *hyle* dos antigos não era um mal.

A matéria que os antigos chamavam *hyle* (*υλε*) não deve ser vista como um mal propriamente.

¹ Daniel 3: 72. *Luz e trevas, bendizei o Senhor, louvai-o e exaltai-o eternamente!*

Eu não falo daquele não sei o que, que Manes, em sua orgulhosa demência, chamou de *hyle*. Como ele lhe atribuiu a formação dos corpos, conclui-se que ele o transformou em uma divindade, pois só Deus tem o poder de formar e criar os corpos.

De fato, para que um corpo exista, ele deve apresentar uma medida, uma forma, uma ordem; três características que são igualmente bens reais e que não podem ter outro princípio que não seja Deus, como, sem dúvida, até mesmo os maniqueístas concordam.

Com *hyle* eu me refiro a uma matéria informe e sem qualidade, a partir da qual são formadas todas as qualidades que percebemos nos objetos. Uma ideia assim já era professada pelos antigos filósofos.

Com esta palavra os gregos designam a floresta, por que ela fornece os materiais para as construções, embora, propriamente, ela seja incapaz de fazer qualquer coisa.

Mesmo esse *hyle* não deve ser visto como um mal, embora, longe de percebê-la com uma forma exterior determinada, podemos, com um certo esforço, fazer uma ideia dela, pela ausência de qualquer forma. Basta que ela seja capaz de receber essa forma, seja ela qual for. Ora, se ela não tivesse pelo menos esta capacidade, não se poderia chamá-la de matéria. Se, então, a forma é um bem, como a beleza, a própria capacidade de receber uma forma deve igualmente ser um bem.

Da mesma forma, a sabedoria é um bem e também é um bem ser capaz de sabedoria. E, já que todo bem vem de Deus, é preciso rigoro-

samente concluir, que essa matéria grosseira da qual estamos falando, se ela existe, ela só pode ser obra de Deus.

Capítulo XIX

O ser verdadeiro só pertence a Deus.

Que magníficas são estas palavras dirigidas por Deus ao seu servo: *“Eu sou aquele que sou”*. E acrescentou: *“Eis como responderás aos israelitas: “Aquele que se chama Eu Sou envia-me junto a vós”²*.

Deus é o ser perfeito, já que ele é imutável. De fato, um objeto, ao se transformar, se torna o que não era. Portanto, só é verdadeiramente aquele que é imutável e tudo o que foi criado por ele recebeu dele uma maneira de ser particular.

Aquele então que é o soberano ser só tem como oposto o não ser. E, já que todo bem vem dele, tudo o que possui uma bondade natural, vem igualmente dele, já que tudo o que tem o ser natural é bom.

Daí eu concluo novamente que toda natureza é boa, que todo bem vem de Deus e, por consequência, que toda natureza vem de Deus.

² Êxodo 3: 14.

Capítulo XX

A dor nas naturezas boas.

A dor, que certas pessoas veem como o maior dos males, quer se trate da dor do espírito ou da dor do corpo, só pode ser encontrada nas naturezas boas.

De fato, aquele que resiste à dor afirma, à sua maneira, que ele recusa ser o que é, por que é um bem qualquer. Quando se sofre para se tornar melhor, a dor é útil. Quando é para se tornar pior, a dor é inútil.

A dor no espírito não passa, propriamente falando, de um esforço da vontade para resistir a uma força superior. No corpo, o que constitui a dor é a resistência oposta pelos sentidos a um corpo mais poderoso.

Os maiores males são aqueles sem dor. Assim, alegrar-se com a iniquidade é um mal muito maior do que se entristecer com a corrupção. No entanto, essa alegria, mesmo na iniquidade, só pode vir da aquisição de um bem de ordem inferior, enquanto que a iniquidade é um ato de renúncia aos bens superiores.

Da mesma forma, quando se trata do corpo, uma ferida acompanhada de dor é preferível a uma putrefação sem dor; que é o que constitui, propriamente, a corrupção.

Essa corrupção não foi sentida pelo corpo do Salvador e assim foi realizada a profecia: *Vós não abandonareis minha alma na habitação*

*dos mortos, nem permitireis que vosso Santo conheça a corrupção*³. Não sabemos que esse corpo foi perfurado pelos pregos e transpassado por uma lança?⁴

Também aquela corrupção própria do corpo humano, que é chamada de putrefação, só é possível na medida em que há algum bem para destruir e ela aumenta na medida em que vai diminuindo o bem. Se toda espécie de bem desapareceu, a própria natureza deixou de ser e a corrupção, por isso, se torna impossível.

Capítulo XXI

Os diversos graus da medida.

O que é pequeno, exíguo, nós chamamos comumente de módico. Isso acontece por que ainda há uma certa medida que resiste; caso contrário, esse objeto não existiria.

Ao contrário, o que toma proporções muito grandes é chamado de imódico, imoderado e esse excesso constitui, propriamente, um erro. No entanto, sob um Deus que dispôs *tudo com medida, quantidade e peso*⁵, é necessário que, mesmo esses excessos sejam contidos em alguma medida.

³ Salmo 15: 10.

⁴ Cf. João 19: 34 e 20: 25.

⁵ Sabedoria 11: 21.

Capítulo XXII

A medida, de alguma maneira, está em Deus.

Não se poderia dizer que a medida se aplique a Deus, para que não se suponha nele um fim. No entanto, seria uma blasfêmia afirmar que Deus é imoderado em seu ser, já que ele é a fonte da medida, sem a qual nada poderia existir.

Por outro lado, não se pode dizer que Deus é moderado, no sentido pelo menos de que ele recebeu a medida de outro ser. Basta-nos dizer que ele é a medida suprema; entendendo com isso que ele é o soberano bem.

De fato, toda medida, enquanto medida, é um bem. Daí se segue que tudo o que é moderado, modesto, medido, merece nossos elogios.

Tomamos também, algumas vezes, a medida no sentido de fim ou termo. É o caso quando dizemos que algo não tem nenhuma medida, quando não tem nenhum fim. Geralmente isso acontece a título de elogio, como nestas palavras: *E o seu reino não terá fim*⁶. Poderíamos igualmente dizer que “Seu reino não terá uma medida”, dando a esta palavra o significado de fim, de término, pois, em seu primeiro sentido, ela expressava a ausência completa de reino, já que não é reinar, reinar sem medida.

⁶ Lucas 1: 33.

Capítulo XXIII

Por que dizemos uma má medida, uma má forma, uma má ordem?

Dizemos de uma medida, de uma forma, de uma ordem que elas são más, quando elas são inferiores ao que deveriam ser ou quando não são aplicadas aos objetos convenientes ou quando são aplicadas de uma maneira inconveniente.

Assim, falamos de alguém que ele não agiu em uma boa medida, por que ele não fez o que devia ou por que não devia ter agido daquela maneira naquela matéria ou por que ele violou as regras da conveniência. Por consequência, pode ser que lhe seja reprovado seu ato, não por causa do ato propriamente, mas unicamente por que ele não lhe imprimiu a medida conveniente.

Do mesmo modo, a forma pode parecer má, unicamente em comparação com uma forma mais bela ou mais proporcional. Uma será menor, a outra maior; não quanto à massa, mas quanto à beleza. Ela também pode ser defeituosa por que não deveria ter sido aplicada ao objeto que não lhe convém. Por exemplo: é indecente uma pessoa caminhar nua em um lugar público, mas é totalmente natural vê-la nua em um banho.

Por fim, a própria ordem é má quando é inferior ao que deveria ser. Se uma coisa é menos ordenada ou ordenada como não deve, isso basta para que ela pareça desordenada.

No entanto, em todo lugar onde encontramos uma certa medida, uma certa forma e uma certa ordem, podemos afirmar que há aí algum bem, alguma natureza. Pelo contrário, onde não há nenhuma medida, nenhuma forma, nenhuma ordem, não há também nenhum bem, nenhuma natureza.

Capítulo XXIV

A imutabilidade de Deus provada pelas Escrituras.

Devemos sempre buscar nas santas Escrituras o fundamento do edifício de nossa crença e das investigações da razão. Desta maneira, aqueles que têm a inteligência menos perspicaz podem sempre se apoiar na autoridade e merecer assim compreender.

Quanto àqueles que possuem uma inteligência mais desenvolvida, mas que não possuem das santas letras um conhecimento suficiente, que eles evitem acreditam que nós contamos mais com nossa inteligência do que com os livros sagrados.

Falando então da imutabilidade de Deus, o Salmista clama: *Tudo se acaba pelo uso, como um traje. Como uma veste, vós os substituíis e eles não de sumir. Mas vós permaneceis o mesmo e vossos anos não têm fim*⁷.

⁷ Salmo 101: 27 e 28.

Lemos também no Livro da Sabedoria, sobre a sabedoria: *Embora única, tudo pode; imutável em si mesma, renova todas as coisas*⁸.

E São Paulo nos diz: “Glória ao Deus invisível, incorruptível”.

São Tiago: *Toda dádiva boa e todo dom perfeito vêm de cima; descem do Pai das luzes, no qual não há mudança, nem mesmo aparência de instabilidade*⁹.

Por outro lado, para nos provar que tudo o que é gerado de Deus é da mesma natureza que ele, o Salvador nos diz: *Eu e o Pai somos um*¹⁰.

Para nos provar que o Filho não foi feito e nem criado, mas fez todas as coisas, assim está escrito: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por ele e, sem ele, nada foi feito*¹¹. Repetindo: nada do que foi feito, foi feito sem ele.

Capítulo XXV

A falsa interpretação destas palavras: *sem ele, nada foi feito*.

O que pensar da extravagância de alguns heréticos que querem que a palavra nada (*nihil*) signifique alguma coisa de sentido positivo e dão esta razão para que ela esteja colocada no fim da frase¹²? Alguma

⁸ Sabedoria 7: 27.

⁹ Tiago 1: 17.

¹⁰ João 10: 30.

¹¹ João 1: 1-3. *In principio erat Verbum et Verbum erat apud Deum et Deus erat Verbum. Hoc erat in principio apud Deum. Omnia per ipsum facta sunt et sine ipso factum est nihil, quod factum est.*

¹² *Sine ipso factum est nihil.*

coisa foi feita __ eles dizem __ e, já que alguma coisa foi feita, a palavra *nada* significa essa coisa.

Seguramente a necessidade de contradizer fez com que eles perdessem o senso comum. Assim, eles não podem compreender que a frase “sem ele, não se fez nada” é identicamente a mesma que esta: *sem ele, nada foi feito*.

Tomemos outra forma, dando à palavra *nada* um sentido positivo, substituindo-a pela palavra casa. Teremos então: “Sem ele, foi feita a casa”, o que é o mesmo que: “Sem ele, a casa foi feita”.

Deixemos agora a palavra *nada* com seu sentido natural de *coisa alguma* e encontraremos a identidade das duas proposições: “sem ele, não se fez nada” e *sem ele, nada foi feito*.

Suponhamos que se pergunte a alguém: “O que você fez?” e obtemos a resposta: “Nada”. O que você pensaria de um polemizador que lhe dissesse: “Você fez alguma coisa, pois a palavra *nada* significa alguma coisa”?

Mas nós encontramos o próprio Salvador se servindo da mesma expressão no fim de uma frase: *Nada falei às ocultas*¹³.

Que eles leiam então e se fechem em um profundo silêncio.

¹³ João 18: 20. *In occulto locutus sum nihil*.

Capítulo XXVI

As criaturas tiradas do nada.

Deus não gerou as criaturas com sua própria substância; ele as fez através de seu Verbo e para fazê-las ele não utilizou uma matéria pré-existente, mas as tirou do nada.

Foi por isso que o Apóstolo disse: *O Deus que dá vida aos mortos e chama à existência as coisas que estão no nada*¹⁴.

Mais clara ainda é esta passagem do Livro dos Macabeus: *Eu te suplico, meu filho; contemple o céu e a terra. Reflita bem: tudo o que vês, Deus criou do nada, assim como todos os homens*¹⁵.

Lemos também no Livro dos Salmos: *Louvem o nome do Senhor, por que ele disse e tudo foi criado*¹⁶.

É, portanto, evidente que não foi dele mesmo que Deus gerou tudo o que existe. Ele criou tudo pelo poder de sua palavra e de sua ordem. Se não foi dele mesmo que ele tirou todas as coisas, foi então do nada.

De fato, de onde ele podia tirar a matéria da criação, já que o Apóstolo diz claramente: *Dele, por ele e para ele são todas as coisas*¹⁷.

¹⁴ Romanos 4: 17.

¹⁵ 2 Macabeus 7: 28.

¹⁶ Salmo 148: 5. *Laudent nomen Domini. Quia ipse dixit et facta sunt ; ipse mandavit et creata sunt.*

¹⁷ Romanos 11: 36.

Capítulo XXVII

Explicação das palavras do Apóstolo.

As palavras: *Dele são todas as coisas* não significam que tudo seja da substância de Deus. O que é de sua substância é, seguramente, dele, mas nem tudo que é dele é, por causa disso, de sua substância.

O céu e a terra são dele, por que ele os criou, mas eles não são dele no sentido em que são de sua substância.

Se uma pessoa gera um filho e constrói uma casa, o filho e a casa são dela, mas o filho é formado de sua própria substância, enquanto que a casa é formada de terra e madeira. Além disso, estes materiais de construção lhe são necessários, por que ela é humana e, nesta condição, ela não pode fazer o que quer que seja do nada. Quanto a Deus, por quem e para quem são todas as coisas, ele é onipotente e, como tal, não precisava de nenhuma matéria pré-existentes para criar o universo.

Capítulo XXVIII

O pecado é obra do próprio pecador.

As palavras: *Dele, por ele e para ele são todas as coisas*, devem ser entendidas como se referindo a tudo o que está conforme a natureza. De fato, não é o caso do pecado, que não preserva a natureza, mas a vicia e destrói. Portanto, o pecado não pode ser de Deus e um grande número de passagens das santas Escrituras nos provam que o pecado é obra da própria vontade do pecador.

Citemos somente estas palavras do Apóstolo:

*Tu, ó homem, que julgas os que praticam tais coisas, mas as cometes também, pensas que escaparás ao juízo de Deus? Ou desprezas as riquezas da sua bondade, tolerância e longanimidade, desconhecendo que a bondade de Deus te convida ao arrependimento? Mas, pela tua obstinação e coração impenitente, vais acumulando ira contra ti, para o dia da cólera e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo as suas obras*¹⁸.

Capítulo XXIX

Deus, de forma alguma, é maculado por nossos pecados.

Tudo o que Deus criou existe nele, mas não se segue daí que ele seja maculado pelo pecado, pois está dito: *A Sabedoria, ela atravessa e penetra tudo, graças à sua pureza. Ela é um sopro do poder de Deus, uma irradiação límpida da glória do Todo-poderoso. Assim, mancha nenhuma pode insinuar-se nela*¹⁹.

De fato, provamos que, necessariamente, Deus é incorruptível e imutável. A conclusão evidente é que ele não é acessível a nenhuma mácula.

¹⁸ Romanos 2: 3-6.

¹⁹ Sabedoria 7: 24 e 25.

Capítulo XXX

Deus, autor dos bens ínfimos e terrestres.

Que Deus seja o princípio dos bens mais inferiores, ou seja, dos bens terrestres e mortais, o Apóstolo prova claramente nestas passagens, onde ele fala de nossa carne:

*Se um membro sofre, todos os membros padecem com ele; e se um membro é tratado com carinho, todos os outros se congratulam por ele*²⁰.

Ele diz também: *Deus dispôs, no corpo, cada um dos membros como lhe aprouve*²¹.

E ainda: *Deus dispôs o corpo de tal modo que deu maior honra aos membros que não a têm, para que não haja dissensões no corpo e que os membros tenham o mesmo cuidado uns para com os outros*²².

Esta medida, esta forma e esta ordem, que o Apóstolo admira no corpo humano, podem ser encontradas em todos os animais, dos maiores aos menores. É por isso que toda carne é vista como um bem terrestre, embora colocada nos níveis mais inferiores.

²⁰ 1 Coríntios 12: 26.

²¹ 1 Coríntios 12: 18.

²² 1 Coríntios 12: 24 e 25.

Capítulo XXXI

Pertence igualmente a Deus punir e perdoar.

Proporcionar o castigo à falta é obra de Deus e não dos humanos. É por isso que está escrito: *Ó abismo de riqueza, de sabedoria e de ciência em Deus! Quão impenetráveis são os seus juízos e inexploráveis os seus caminhos!*²³

Da mesma forma, que Deus perdoa os pecadores arrependidos, temos a prova na missão do Salvador na terra. Unindo nossa humanidade à sua divindade, foi na humanidade que ele assumiu no seio de uma mulher que ele condescendeu morrer por nós.

O Apóstolo exalta essa grandiosidade de amor e bondade de Deus para conosco:

*Eis aqui uma prova brilhante de amor de Deus por nós: quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós. Portanto, muito mais agora, que estamos justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Se, quando éramos ainda inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, com muito mais razão, estando já reconciliados, seremos salvos por sua vida*²⁴.

Querendo, em seguida, nos mostrar que Deus não comete nenhuma injustiça ao aplicar o castigo que merecem os pecadores, o mesmo

²³ Romanos 11: 33.

²⁴ Romanos 5: 8-10.

Apóstolo acrescenta: *Não é injusto Deus, quando descarrega a sua cólera? Certo que não! De outra maneira, como julgaria Deus o mundo?*²⁵

Por fim, em outra passagem ele expõe em poucas palavras a severidade de Deus: *Severidade para com aqueles que caíram, bondade para contigo, suposto que permaneças fiel a essa bondade*²⁶.

Capítulo XXXII

O poder de provocar o mal vem de Deus.

Mesmo o poder de provocar o mal só pode vir de Deus. É por isso que lemos no Livro dos Provérbios: *Por mim reinam os reis e os legisladores decretam a justiça. Por mim governam os magistrados e os magnatas regem a terra*²⁷.

O Apóstolo diz o mesmo: *Não há autoridade que não venha de Deus; as que existem foram instituídas por Deus*²⁸.

Jó, para justificar Deus, não teme em dizer “que ele faz reinar o homem hipócrita, por causa da perversidade do povo”²⁹.

Falando do povo de Israel, Deus pronuncia estas terríveis palavras: *Dei-te um rei no meu furor*³⁰.

²⁵ Romanos 3: 5.

²⁶ Romanos 11: 22.

²⁷ Provérbios 8: 15 e 16.

²⁸ Romanos 13: 1.

²⁹ Jó 34: 30 (Septuaginta).

³⁰ Oséias 13: 11.

Que injustiça pode ser, da parte de Deus, dar aos maus o poder de provocar o mal, já que ele só se propõe testar a paciência dos bons e punir a iniquidade dos maus? Foi em virtude desse poder, concedido ao demônio, que Jó foi testado, para que sua justiça aparecesse com mais brilho³¹; que Pedro foi testado, para ser corrigido de sua presunção³²; que Paulo foi esbofeteado, para que não cedesse ao orgulho³³; que Judas foi condenado à perdição³⁴.

Não podemos, portanto, censurar em Deus nenhuma injustiça no poder de causar o mal, que ele concede ao demônio. No entanto, como no uso desse poder o demônio se deixa levar por sua vontade perversa, é esta própria vontade que Deus pune com um castigo eterno, na pessoa do demônio e dos ímpios que perseveram em seus caminhos. Será para eles que se dirá: *Retirai-vos de mim, malditos! Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos*³⁵.

Capítulo XXXIII

Os anjos que se tornaram maus pelo pecado.

Deus criou os anjos em um estado de justiça e de santidade. Mas, ao pecarem, eles se tornaram maus. Daí vem estas palavras de São Pedro: *Pois se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas os precipitou*

³¹ Cf. Jó 1: 12 e 2: 6.

³² Cf. Mateus 26: 31-35 e 69-75.

³³ Cf. 2 Coríntios 12: 7.

³⁴ Cf. Mateus 27: 5.

³⁵ Mateus 25: 41.

*nos abismos tenebrosos do inferno onde os reserva para o julgamento*³⁶.

Este Apóstolo anuncia claramente com isso que um novo castigo lhes está reservado por ocasião do julgamento final e foi deste castigo que falou o Salvador, quando disse: *Ide para o fogo eterno destinado ao demônio e aos seus anjos*.

Esses demônios já sofrem os tormentos do inferno no lugar tenebroso que lhes serve de prisão. Por conseguinte, quando sua morada é designada pelo nome de céu, não se deve entender com isso a atmosfera superior onde brilham as estrelas, mas unicamente as regiões baixas, em cuja obscuridade se aglomeram as nuvens e onde os pássaros executam seus voos. Daí vem que se pode falar de “céu nublado” e “pássaros do céu”. É por isso também que, ao falar desses anjos maus, contra os quais devemos combater sem descanso, se queremos viver na santidade, o apóstolo São Paulo os chama de: *Forças espirituais do mal espalhadas nos ares*³⁷. E, para que compreendamos mais facilmente que não se trata aqui das regiões superiores do céu, ele diz, na mesma carta: *O modo de viver deste mundo, do príncipe das potestades do ar, do espírito que agora atua nos rebeldes*³⁸.

³⁶ 2 Pedro 2: 4.

³⁷ Efésios 6: 12.

³⁸ Efésios 2: 2.

Capítulo XXXIV

A natureza do pecado.

O pecado, propriamente falando, não consiste em desejar naturezas más, mas em abandonar as melhores.

Lemos nas Escrituras: *Tudo o que Deus criou é bom e nada há de reprovável, quando se usa com ação de graças*³⁹. Desta forma, toda árvore plantada por Deus no paraíso terrestre era boa. Segue-se que, ao tocar na árvore proibida, o verdadeiro crime humano não foi desejar uma natureza má; se o ser humano pecou, foi por ter renunciado ao que era melhor.

De fato, o Criador é o bem melhor do que toda criatura saída de suas mãos. Suas ordens não deveriam ser violadas, portanto, com o toque em um fruto proibido, embora bom. Ao renunciar a um bem maior, o bem da criatura se tornou objeto de seus desejos e ele foi tocado, apesar da proibição do próprio Deus.

Nenhuma árvore má tinha sido plantada, portanto, pelo Criador, no paraíso terrestre. Mas, o que era um bem melhor do que todos os outros era o próprio Deus que proibia tocar naquela árvore em particular.

³⁹ I Timóteo 4: 4.

Capítulo XXXV

O porquê da proibição feita a Adão.

Ao formular a Adão aquela proibição, Deus quis fazê-lo sentir que a alma racional não pertence a ela mesma, mas que ela deve ser submissa a Deus, que ela permanece no caminho de sua salvação pela obediência e que ela se corrompe pela revolta.

Este é o motivo da árvore objeto da proibição ter sido chamada de *Árvore da ciência do bem e do mal*⁴⁰. Ao tocá-la, apesar da proibição, o ser humano devia sofrer o castigo por seu pecado e experimentar, com isso, qual era a diferença entre o bem da obediência e o mal da rebelião.

Capítulo XXXVI

O mal vem do abuso das criaturas.

Ninguém levará a tolice ao ponto de sustentar que uma criatura de Deus era digna de desprezo, sobretudo quando se trata de uma árvore plantada por ele no paraíso terrestre.

Podemos mesmo desprezar os espinhos e abrolhos gerados pela terra para punir o ser humano por seu pecado e enviados por Deus para tornar seu trabalho mais amargo?⁴¹ Essas plantas não têm sua medida, sua forma e sua ordem? Basta examiná-las sob este ponto de vista para

⁴⁰ Gênesis 2: 9.

⁴¹ Cf. Gênesis 3: 16-19.

achá-las dignas de elogio. Se então elas se tornaram males para o ser humano, foi por que elas deviam lhe servir de castigo por seu pecado.

O castigo, como eu disse, não consiste, portanto, em desejar uma má natureza, mas em renunciar a uma natureza melhor. É essa própria preferência que é um pecado e não a natureza com a qual se abusa ao pecar.

Daí vem a ameaça dos rigores do julgamento de Deus, lançada pelo Apóstolo contra aqueles que *adoraram e serviram à criatura em vez do Criador*⁴². Não é a criatura que ele condena __ condená-la seria cometer uma injúria a Deus __ mas aqueles que abusaram do bem, renunciando a um bem superior.

Capítulo XXXVII

Deus tira o bem do mal.

Se todas as criaturas conservassem sua medida, sua forma e a ordem que lhe é própria, o mal não existiria.

Por outro lado, pode-se abusar desses bens, mas nada pode vencer a vontade de Deus, que sabe, em sua onipotência, fazer os pecadores entrarem na mesma ordem geral da criação.

Se, pelo desvirtuamento de sua vontade, eles abusaram dos bens da natureza, Deus, em sua justiça infinita, saberá tirar o bem do mal,

⁴² Romanos 1: 25.

aplicando os castigos merecidos àqueles que tomaram o caminho perverso da iniquidade.

Capítulo XXXVIII

O inferno, propriamente, não é um mal.

O fogo eterno reservado para o tormento dos ímpios, propriamente, não é um mal, pois ele tem sua medida, sua forma, sua ordem, sem que nenhuma iniquidade tenha levado a ele a depravação.

O que é um mal para os condenados, é o castigo devido aos seus pecados.

A luz que nos ilumina é um tormento para aqueles que têm alguma doença nos olhos. Não se segue daí, no entanto, que a luz seja uma natureza má.

Capítulo XXXIX

Em que sentido o fogo do inferno é eterno.

Ao dizer que o fogo do inferno é eterno, entendemos unicamente que ele não acabará jamais. Sua eternidade, no entanto, não é como a de Deus, que não teve começo, já que ele teve. Ele não é, portanto, eterno em todo o sentido desta palavra.

Além disso, embora destinado a servir perpetuamente de castigo aos pecadores, ele está submetido à mudança, por sua própria natureza.

Pelo contrário, o que é verdadeiramente eterno, não apenas não teve um começo e não terá fim, mas também desfruta de uma imutabilidade real e, neste sentido, somente Deus é eterno, pois somente ele não pode mudar.

Uma coisa é não mudar, apesar da possibilidade de mudar; outra coisa é não poder mudar. Assim, dizemos que uma pessoa é boa. No entanto, é certo que ela não é boa segundo a bondade de Deus, pois está dito: *Só Deus é bom*⁴³. Nossa alma é imortal, no entanto, ela não é como Deus, sobre o qual está escrito: *O único que possui a imortalidade*⁴⁴. Diz-se que uma pessoa é sábia, mas ela não o é como Deus, sobre o qual foi dito: *Deus, único sábio*⁴⁵.

Da mesma forma, por fim, quando dizemos que o fogo do inferno é eterno, nós declaramos que ele não é eterno no mesmo sentido que Deus, a quem somente pertence a verdadeira eternidade, em toda a extensão e alcance da palavra.

Capítulo XL

Nada pode prejudicar Deus.

A fé católica, a santa doutrina, a própria verdade, bem compreendida, nos ensina que ninguém pode prejudicar a natureza de Deus, que

⁴³ Marcos 10: 18.

⁴⁴ 1 Timóteo 6: 16.

⁴⁵ Romanos 16: 27. *Soli sapienti Deo.*

essa natureza não pode prejudicar injustamente ninguém e, enfim, que ninguém prejudica sem receber um castigo.

Escutemos o Apóstolo: *Quem cometer injustiça pagará pelo que fez injustamente e não haverá distinção de pessoas*⁴⁶.

Capítulo XLI

Os erros maniqueístas sobre a natureza do bem e do mal.

Quando então os maniqueístas estarão dispostos a pesar seriamente e sem nenhuma parcialidade essas considerações tomadas para justificar seu erro e sem desprezar a temível majestade de Deus? Pelo menos assim ele deixariam suas blasfêmias criminosas e compreenderiam toda a loucura de um sistema que supõe duas naturezas independentes e eternas; uma boa, que eles chamam de Deus e outra má, que Deus não criou.

Qual é então o erro, a loucura __ digamos a palavra __ o absurdo que os cega, já que eles não veem que, no que eles chamam de soberano mal por natureza, eles supõem em grande número: a vida, o poder, a saúde, a memória, a inteligência, a harmonia, a força, a riqueza, o sentimento, a luz, a mansidão, a medida, o número, a paz, a medida, a forma e a ordem?

⁴⁶ Colossenses 3: 25.

Pelo contrário, no que eles chamam de soberano bem, eles supõem um grande número de males: a morte, a doença, o esquecimento, a loucura, a perturbação, a impotência, a pobreza, a tolice, a cegueira, a dor, a iniquidade, a vergonha, a guerra, a intemperança, a deformidade, a perversidade.

Eles sustentam, por exemplo, que os príncipes das trevas viveram em sua natureza e que em seu reino eles tiveram saúde, memória e inteligência. Pois eles supõem que o príncipe das trevas pronunciou um discurso tal que, sem a ajuda de uma grande memória e uma viva inteligência, ele não poderia pronunciá-lo e nem ser compreendido por seus ouvintes. Eles acrescentam que ele tinha uma harmonia perfeita entre sua alma e seu corpo, que eles reinaram pelo esplendor do poder, que possuíam imensas riquezas, que eles tinham olhos para perceber a luz natural com uma acuidade imensa e que esses olhos precisavam da luz natural para ver. Daí vem que eles receberam o nome de luminares. Que eles desfrutaram de toda a tranquilidade da felicidade e que tinham membros e habitações determinadas.

É preciso admitir que há aqui alguma beleza, pois, não fosse assim, eles não seriam tomados de amor por seus cônjuges e as partes de seus corpos não teriam conservado nenhuma harmonia. Só com esta condição eles podem dar um caráter de probabilidade a todas as suposições delirantes às quais eles se abandonam sobre este tema.

Da mesma forma, seria preciso haver paz, caso contrário a autoridade do príncipe teria sido desprezada. Seria preciso uma certa medida, caso contrário não haveria entre eles nenhuma sociedade possível, nem para agir, nem para comer, nem para beber, nem para perseguir, nem para fazer qualquer outra coisa.

Aliás, sem uma medida qualquer, não seria possível haver nenhuma forma determinada e é o contrário que resulta da descrição que eles nos fazem de suas vidas e de seus atos.

Seria preciso uma forma, pois sem ela nenhuma qualidade natural poderia existir.

Seria preciso uma ordem, pois sem isso não se encontraria senhores para governar e nem súditos para obedecer; nem harmonia nos seres vivos; nem conveniência na disposição dos membros e nem mesmo a possibilidade de agir.

Quanto à natureza de Deus, ou eles a supõem morta ou eu não vejo ao que Jesus Cristo veio trazer o benefício da ressurreição. Se ela não está doente, o que Jesus Cristo cura? Se ela não foi esquecida, por que Jesus Cristo a recorda? Se ela não é ignorante, por que seus ensinamentos? Se ela foi não perturbada, por que reintegrá-la? Se ela não foi derrotada e feita cativa, por que libertá-la? Se ela não está necessitada, por que vir em seu socorro? Se ela não perdeu o sentimento, por que restaurar-lhe o vigor? Se ela não é cega, por que esclarecê-la? Se ela não está em dores, por que devolver-lhe a alegria? Se ela não é levada pelo mal,

por que corrigi-la através de preceitos? Se ela não está maculada, por que purificá-la? Se ela não está em guerra, por que prometer-lhe a paz? Se ela não é imoderada, por que impor-lhe o freio da lei? Se ela não está disforme, por que reformá-la? Se ela não é pervertida, por que corrigi-la?

Todos estes frutos da salvação, trazidos por Jesus Cristo, não se aplicam, de forma alguma, à natureza que Deus fez e que seu livre arbítrio depravou com o pecado, mas à outra natureza, à substância de Deus, que não é outra coisa além de Deus mesmo.

É possível um erro mais grosseiro?

Capítulo XLII

Blasfêmias maniqueístas contra a natureza de Deus.

Ao que poderíamos comparar estas blasfêmias? As outras seitas, as mais perversas, não imaginaram nada parecido.

No entanto, se olharmos o maniqueísmo sob um outro ponto de vista __ um que ainda não empregamos __ veremos que essas blasfêmias contra a natureza de Deus revelam um caráter maior ainda de perversidade e horror.

De fato, eles não temem afirmar que um certo número de almas, formadas da substância e da própria natureza de Deus, estão presas por toda a eternidade no abismo horrível das trevas. Não por terem se dedicado voluntariamente ao pecado, mas por que foram derrotadas e opri-

midas pela nação das trevas; uma natureza essencialmente má que elas foram combater, não voluntariamente, mas para obedecer as ordens de seu pai.

Que crime! Que audácia inacreditável! Pode Deus ser objeto de uma crença assim, de uma linguagem assim, de uma doutrina assim?

Pressione-os para que se justifiquem e eles se precipitam cegamente em afirmações mais criminosas ainda.

Eles afirmam que, se a natureza de Deus, boa propriamente, se torna vítima de grandes males, é por causa de sua mistura com a natureza má. Deixada com ela mesma, ela jamais teria se tornado vítima de todos esses infortúnios.

Sendo assim, uma natureza incorruptível só merecerá nossos elogios por que ela não arruína a ela mesma e não por que ela está fora do alcance de quem quer arruiná-la.

Além disso, se a natureza das trevas arruinou a natureza de Deus, a natureza de Deus arruinou a natureza das trevas. São, portanto, dois males que se combatem reciprocamente.

É preciso observar também que a nação das trevas foi a menos culpada, pois, se ela arruinou, ela arruinou sem querer. O que ela visava não era arruinar, mas desfrutar do bem de Deus.

Pelo contrário, Deus quis aniquilar essa nação rival. Pelo menos é o que Manes afirma claramente na carta de seu desastroso **Fundamento**. Lá, ele diz: “Assim foi fundado seu glorioso império sobre a terra de

luz e de felicidade, de sorte que nada no mundo pode abalá-lo e nem destruí-lo”. Depois, se esquecendo destas palavras, ele acrescenta, quase em seguida: “O Pai da luz bem-aventurada, prevendo a ruína imensa que devia surgir no seio das trevas e ameaçar seu reino de felicidade, compreendeu que precisava lhe opor um poder imponente, capaz de destruir a raça das trevas, para que, após essa destruição, os habitantes da luz possam desfrutar de um repouso eterno”.

Eis então o que Deus teme para seu império: a devastação e a destruição. Como então esse império foi fundado sobre uma terra brilhante e feliz, a um ponto tal que não podia ser abalado e nem derrubado por ninguém?

Movido pelo medo, ele começa a atacar a nação vizinha. Ele multiplica os esforços para destruí-la, a fim de propiciar aos habitantes da luz um repouso eterno. Por que não acrescentar: e uma escravidão eterna?

Não foi por que essas almas, fixadas para sempre no abismo das trevas, não habitavam esse reino de luz? Não é delas que ele fala que “tinham sido condenadas a errar longe de sua natureza luminosa”?

Ele foi, assim, forçado a admitir que elas tinham pecado por causa de sua livre vontade. Ele, que só vê no pecado o resultado da coação exercida pela natureza contrária.

Ele prova assim que não sabe o que diz. Eu o imagino facilmente como incluído também no abismo de trevas que ele tem o mérito de ter inventado e do qual ele procura inutilmente sair.

Mas, que ele ensine suas mentiras aos infelizes que ele seduziu e que têm por ele mais respeito do que têm por Jesus Cristo. Não é muito vender-lhes suas fábulas, mais enfadonhas do que sacrílegas, mormente alguns testemunhos de adoração.

Eu o deixo livre com toda sua eloquência. Livre para prender a nação das trevas em uma masmorra tenebrosa, exceto para prender do lado de fora a natureza de luz, a qual ele promete um repouso perpétuo, após a destruição de seu inimigo.

Em uma condição assim, o castigo da luz não é mais cruel do que o das trevas? A natureza divina não é punida mais severamente do que a nação inimiga? Esta, sem dúvida, está mergulhada nas trevas, mas está em sua natureza habitar as trevas. Quanto às almas que não possuem outra natureza além da natureza de Deus e que, ele diz, não puderam entrar nesse reino pacífico, elas serão então privadas da vida e da liberdade da luz santa e fixadas para sempre no abismo de horror!

Eis, sobre este assunto, as próprias palavras de Manes: “Essas mesmas almas aderiram aos objetos que elas tinham amado. Jogadas para sempre no abismo das trevas, elas ainda procuram sair dele por seus méritos”. A vontade não goza então do livre arbítrio?

Vejam até que ponto esse insensato ignora o que ele mesmo diz. Com suas contradições ele faz a ele mesmo uma guerra mais cruel do que aquela que ele declara à divindade da nação das trevas.

Se as almas da luz são condenadas por que elas amaram as trevas, que injustiça condenar a nação das trevas, que tão ardentemente amou a luz!

Sim, desde o começo a nação das trevas amou ardentemente a luz. Como ela queria possuí-la, ela poderia querer extingui-la?

Pelo contrário, a natureza de luz quis destruir as trevas. Com muito custo vencida, ela as amou. Eu vos dou a livre escolha: seu amor pelas trevas lhe foi imposto por uma insuperável necessidade ou ele procedeu de uma vontade livre? No primeiro caso, por que ela foi condenada? No segundo, como explicar uma iniquidade assim na natureza de Deus?

Se a natureza de Deus sentiu a necessidade de amar as trevas, ela foi, portanto, derrotada e não vitoriosa. Se esse amor foi perfeitamente voluntário de sua parte, por que então não atribuir abertamente a vontade de pecar à luz que Deus gerou, mais do que à natureza que ele tirou do nada?

Capítulo XLIII

A natureza de Deus acusada pelos maniqueístas.

Se nós conseguimos provar que, mesmo antes da mistura do mal ___ inqualificável tolíce que, no entanto, eles não hesitam em dar fé ___ a própria natureza da luz estava contaminada por grandes males, o que poderemos acrescentar a tão horríveis blasfêmias?

Primeiro, antes de combater, ela sente a dura e inevitável necessidade de fazer a guerra. Isto já não era um mal bem grande, quando ainda não tinha se misturado com o mal? Podem me explicar esta espantosa contradição?

Se a necessidade não tem participação neste fenômeno, toda a responsabilidade deve cair sobre a vontade. Mas também não posso compreender um Deus que quer prejudicar sua própria natureza, quando nenhum inimigo poderia atingi-lo. Um Deus que leva a crueldade a um ponto tal que chega a misturar o mal à sua própria natureza e depois purifica uma parte vergonhosa e condena injustamente a outra parte.

Este é, no entanto, o triste efeito de uma vontade criminosa, bárbara e cruel. E isso antes de ter se misturado à nação contrária!

Esse Deus ignorava então que seus membros cairiam de amores pelas trevas e se tornariam inimigos da santa luz, ou seja, em inimigos não apenas de seu Deus, mas também do Pai que os tinha gerado?

Mas então, como explicar em Deus essa assombrosa ignorância antes que ele tenha sofrido qualquer mistura com a nação das trevas?

Se for admitido que nada lhe era oculto, concluirei então que ele era vítima de uma eterna crueldade, pois ele contemplava com olhar tranquilo a futura mácula e a futura condenação que esperava sua natureza. Se ele sofresse antecipadamente, ele era então eternamente infeliz.

De um lado como do outro, como explicar um mal tão grande no soberano bem, antes de qualquer mistura com o soberano mal?

Se essa ignorância for atribuída unicamente à parte de sua natureza que estava presa no abismo eterno, como essa parte pertencia à natureza de Deus, então havia uma ignorância eterna na natureza de Deus.

Se ela sabia, então por toda a eternidade ela era infeliz. Ainda mais uma vez, como pode um mal tão grande antes que ela tenha se misturado à nação das trevas?

Mas talvez ela estivesse toda na alegria da caridade, por que o castigo que ela deveria sofrer propiciasse um eterno repouso aos habitantes da luz. Pelo pouco que se compreenda uma linguagem assim, só se pode lançar-lhe um anátema.

Também, se, ao dar prova de um amor assim, ela não devesse se tornar inimiga da luz, esquecendo por um instante que se trata da natureza da Deus, poderíamos louvá-la, como se aplaude uma pessoa que, para salvar sua pátria, se condena voluntariamente a um mal, contanto que esse mal seja por um tempo e não pela eternidade.

Ora, não é este o caso da questão que nos ocupa, pois é pela eternidade que essa natureza, a própria natureza de Deus, é presa no abismo das trevas.

Você está livre, portanto, para supor essa alegria em Deus, mas admita, pelo menos, que essa alegria é unicamente criminosa e horriavelmente sacrílega, se ela deve ter como efeito em Deus o amor pelas trevas e a inimizade à santa luz.

Como então explicar um mal tão grande antes que a natureza de Deus tenha se misturado à nação inimiga? Atribuir tanto bem ao soberano mal e tão grandes males ao soberano bem que é Deus, não é um absurdo tão ímpio quanto criminoso e que cobre de desgosto o coração mais insensível?

Capítulo XLIV

Torpezas inacreditáveis imaginadas por Manes em Deus.

Sabemos que eles ensinam que parte da natureza de Deus foi misturada ao céu, à terra, às coisas subterrâneas, físicas, secas e úmidas, a todas as carnes, a todas as sementes de árvores, de ervas, de pessoas e de animais.

Nós católicos ensinamos que Deus está presente em toda parte e em tudo, através de seu poder divino, para tudo administrar e tudo governar. Apenas, nós o acreditamos, evidentemente, livre de qualquer união substancial com as coisas criadas. Com mais forte razão nós de-

claramos que ele não recebe daí nenhuma mácula, nenhuma mancha, nenhuma corrupção.

Para eles, ao contrário, a substância divina foi presa, oprimida, maculada e ela obtém sua libertação, sua liberdade, sua purificação, não apenas através do curso do sol e da lua e através das forças da luz, mas também através de seus eleitos.

Tais erros, tais torpeza, tão sacrílegas quanto inacreditáveis, longe de serem aceitas, não podem ser descritas e repetidas sem gerar um profundo horror.

Como falar sem ficar abalado dessas forças da luz sucessivamente transformadas em figuras de homens soberbos e mulheres sedutoras, opostas umas às outras. Dessa vida, desse contato resulta o apavorante turbilhonamento de todas as paixões e da mais grosseira concupiscência. Desse fogo incandescente, a natureza de Deus escoar e escapa pela geração. É essa libertação que constitui sua purificação. Purificação mais vergonhosa, certamente, que a própria sujeira⁴⁷.

Jamais acreditaremos, não apenas que seja assim, mas que tais erros possam ser escritos e repetidos! E esses maniqueístas, que temem lançar o anátema a Manes e à sua doutrina, não hesitam em acreditar, em Deus, ações tão repulsivas e obras tão criminosas!

⁴⁷ No entanto, tais abominações, descritas com complacência, são lidas no livro sétimo do *Tesouro*. Este é o título que eles dão ao texto de Manes, onde ele registra todas as suas blasfêmias impuras e audaciosas. Desistimos de apresentar aos nossos leitores o próprio texto que acabamos de analisar. O coração se cobre de desgosto e indignação com tais despudores cometidos pela própria natureza de Deus.

Capítulo XLV

Torpezas justamente atribuídas aos maniqueístas.

Vejamos em seguida como essa purificação da natureza de Deus se opera através dos eleitos.

Essa substância, eles dizem, está presa em todos os alimentos. Quando os eleitos, os iniciados absorvem esses alimentos, quando os comem ou bebem, a alta santidade que eles praticam se torna a arma infalível com a qual eles colocam em liberdade essa infeliz natureza de Deus, até então tristemente encarcerada.

Esses infelizes não veem então as horríveis consequências que se tira contra aqueles de sua própria doutrina. Eles se refugiam, é verdade, por detrás de negações, mas essas negações não são nada enquanto eles não anatematizarem Manes e deixarem de ser maniqueístas.

Se, como eles dizem, a parte de Deus que está ligada a todas as sementes é purificada pela manducação dos eleitos, como não concluir que eles mesmos fazem o que o **Tesouro** atribui às virtudes do céu e aos príncipes das trevas?

Eles não dizem, com efeito, que seu corpo foi formado pela nação das trevas e que nele se encontra encarcerada essa substância vital, que não é outra coisa além de uma parte da própria substância de Deus?

É preciso liberar essa substância. É preciso purificá-la pela manducação. São eles mesmos que afirmam isso. Que se julgue então as

horríveis consequência que decorrem, necessariamente, de tais princípios!

Capítulo XLVI

Doutrina abominável da carta chamada *Fundamento*.

Os maniqueístas afirmam igualmente que Adão, o primeiro homem, foi criado pelos príncipes das trevas, mas que nessa criação eles agiram de maneira a não deixar escapar a luz que estava neles.

De fato, na carta *Fundamento* eles nos mostram o pai do primeiro homem, o príncipe das trevas, sentado no meio dos outros príncipes e lhes dirigindo as seguintes palavras que Manes nos conservou:

Que acham dessa grande luz que começa a brilhar? Vejam como ela agita o polo, como ela abala uma multidão de forças! Pareceu-me conveniente pedir a vocês tudo o que possuem de luz. Então, desse herói que nos apareceu em toda sua glória, reproduzirei a imagem e é com essa imagem que poderemos reinar um dia, quando formos libertados das trevas.

Após uma madura deliberação sobre estas palavras, eles proclamaram a justiça e a equidade da demanda que lhes era feita. De fato, eles não podiam esperar conservar para sempre essa luz. Eles acharam então mais conveniente oferecê-la ao seu líder; contando, certamente, poder reinar um dia.

Agora devemos examinar como eles se livraram da luz que possuíam. Todas as divinas Escrituras, todas as revelações celestes estão cheias de explicações desse mistério. É, afinal, muito fácil compreender como os sábios receberam esse conhecimento, já que ele fluiu dele mesmo para a mente daquele que se dedica atentamente ao seu estudo.

Essa assembleia de príncipes das trevas era formada, como dissemos acima, por homens soberbos e mulheres sedutoras. Como entre eles era frequente a promiscuidade, foram levados a se unir. Desse coito nasceram filhos semelhantes a seus pais e que receberam muito mais vigor que eles.

O príncipe, vendo tudo isso, regozijou-se como se fosse o melhor dos presentes. E, assim como vemos acontecer hoje em dia, a natureza do mal, que dá forma ao corpo, o configura e lhe tira as forças, de igual modo, o citado príncipe, percebendo que a descendência de seus companheiros era dotada da sensibilidade, da prudência e da luz de seus pais, que lhe veio da geração, a devora avidamente.

Uma vez repostas enormes forças com esse manjar, que não somente continha força, mas também astúcia e sentido de depravação em muito maior quantidade, herdada da feroz raça de seus pais, ele chamou para seu lado sua própria esposa, brotada de sua mesma estirpe. Após ter relações carnis com ela, ele ejaculou, como os outros, a abundância de males que tinha devorado. Ele acrescentou uma certa influência de

seu pensamento e de seu poder, para que fosse seu espírito o modelador e criador de todos os seres que ele tinha espalhado

Sua companheira recolheu tudo isso, como uma terra perfeitamente cultivada acolhe a semente. Efetivamente, em seu seio foram forjadas e desenvolvidas todas as imagens de todas as potências celestes e terrestres, para que todo ser que fosse formado recebesse sua semelhança, ou seja, a plenitude do universo.

Capítulo XLVII

Manes ordena a prática dessas torpezas horríveis.

Ó monstruosidade criminosa! Ó pavorosa ruína de todas as almas enganadas e seduzidas!

Eu deixo de lado as vergonhas infligidas à natureza de Deus nessa triste escravidão, mas, ao menos que todos esses infelizes que se deixam aprisionar pelas seduções envenenadas do erro queiram, no entanto, refletir um instante.

Se eles afirmam que é por causa da união dos elementos geradores masculino e feminino que parte de Deus está aprisionada; se eles acreditam que essa parte só é libertada e purificada pela manducação, que eles aceitem a rigorosa consequência desse erro, ou seja, que essa parte da natureza de Deus não é liberada e purificada somente mediante a manducação do pão, dos legumes e das frutas, únicas substâncias que exteriormente lhes servem de alimento, mas que também ela é liberada

e purificada pelo mesmo processo que a aprisiona, ou seja, o ato sexual, uma vez que a mulher a concebe em seu seio.

São citados maniqueístas, de fato, que diante dos tribunais na Paflagônia e até mesmo nas Gálias não se envergonharam em dizer que eram fiéis à sua doutrina até às últimas consequências, como se ouviu de um católico em Roma.

Perguntados sobre a autoridade de que livro eles se apoiavam, eles citavam o **Tesouro** e, em particular, a passagem que eu citei acima.

Quanto aos nossos maniqueístas mais discretos e mais prudentes, quando lhes são feitas estas objeções, ele dizem que um infeliz de seus eleitos formou um cisma e elaborou esta infame heresia.

Admitamos então que eles não se dedicam a essas degradações, mas que eles aceitem também que, se há os que se dedicam a elas, eles colocam em prática a doutrina de seus próprios escritos. Se o crime os horroriza, que eles queimem seus livros, já que são obrigados a praticá-lo, para serem coerentes com eles. Se não cometem tais crimes, procurem viver com maior decência, mesmo contra o que está prescrito em seus livros.

Mas, ao lhes ser proposto o dilema seguinte: ou purificam a luz de todas as sementes que a aprisionam, para que não tenham que admitir nenhuma das infâmias que afirmam não cometer ou lancem o anátema contra Manes, que afirma que a natureza de Deus está em todas as sementes, que ela aprisiona pelo ato da geração e que é purificada todas as

vezes que ela é suficientemente feliz para ser alimento dos eleitos; a isto, o que podem responder? Que desculpas darão? Como não admitir que é preciso anatematizar a doutrina ou praticar os erros que ela ordena?

Eu lembrei antes os males intoleráveis que eles supõem na natureza de Deus e que os levaram a fazer a guerra. Eu concluo disso que Deus era de uma ignorância absoluta. Esta é a única explicação para sua eterna segurança. Ou então ele estava tomado por uma dor e preocupações eternos, esperando o triste momento em que aconteceriam, para uma parte dele mesmo, a corrupção da mistura e a prisão da condenação eterna.

Eu disse que a guerra explodiu, mas que a substância de Deus se tornou cativa, oprimida, maculada. Após uma falsa vitória, ela será fixada eternamente em um horrível globo de trevas e separada para sempre da felicidade que desfrutava em sua origem. Ora, todos estes males, por mais repulsivos que sejam, não me parecem nada, em comparação com todas as torpezas que acabo de descrever.

Capítulo XLVIII

Agostinho pede a Deus a conversão dos maniqueístas.

Senhor Deus de toda paciência, de toda misericórdia e de toda verdade⁴⁸. Vós que fazes levantar vosso sol sobre os bons e sobre os maus; que fazes cair o orvalho do céu sobre os justos e sobre os culpados⁴⁹; que não queira a morte do pecador, mas que ele se converta e que viva⁵⁰; que convide os culpados para fazer penitência, renunciar à sua maldade e a acreditar em vós⁵¹; que com vossa longanimidade convide ao arrependimento, embora um número muito grande acumule um tesouro de cólera para o dia da vingança e da revelação no julgamento final, quando vós retribuireis a cada um segundo suas obras⁵²; que no dia em que a pessoa renuncia à sua iniquidade, para se jogar nos braços de vossa misericórdia e vossa verdade, esqueça todas as suas iniquidades⁵³.

Já que vós inspirastes a meu ministério refutar esse erro tão horrível quanto criminoso, conceda-me a graça de arrancar todos esses pecadores da iniquidade, como muitos outros já recuperaram a inocência,

⁴⁸ Cf. Salmo 102: 8.

⁴⁹ Cf. Mateus 5: 45.

⁵⁰ Cf. Ezequiel 33: 11.

⁵¹ Cf. Sabedoria 12: 2.

⁵² Cf. Romanos 2: 4-6.

⁵³ Cf. Ezequiel 18: 21.

seja no santo batismo, seja no sacrifício de uma mente confusa e de um coração contrito e humilhado⁵⁴.

Que as dores da penitência lhes propiciem a remissão dos pecados e das blasfêmias⁵⁵ que eles cometeram contra vós, sem saber o que faziam.

Tal é a eficácia de vossa misericórdia, tal é a verdade de vosso batismo, tal é o poder das chaves do reino dos céus, confiadas por vós à vossa santa Igreja⁵⁶, que não devemos jamais nos desesperar com esses pecadores, enquanto vossa paciência os conservar neste mundo.

Eles ainda podem compreender o crime que é ter de vós tais ideias e ter sobre vós semelhante linguagem. Eles podem compreender que só são retidos nesse erro deplorável por interesses, hábitos, laços temporais e terrestres.

Faça então com que, tocados por vossas reprovações⁵⁷ e vossas ameaças, eles se refugiem na imensidade infinita de vossa bondade e que eles limpem dos pés todas as seduções carnisais, para assegurarem a vida celeste e a felicidade eterna.



⁵⁴ Cf. Salmo 50: 19.

⁵⁵ Cf. Mateus 12: 31.

⁵⁶ Cf. Mateus 16: 19.

⁵⁷ Cf. Cf. Salmo 24: 7 e 140: 5.

Créditos

De natura boni

© 399: Aurelius Augustinus Hipponensis

© 2018: Teodoro Editor - Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.

Tradução: Souza Campos, E. L. de, de *De la nature du bien*. Tradução de M. Abbé Burleraux, in *Oeuvres complètes de Saint Augustin*, Bar-le-Duc, 1869.

Cotejado com *La naturaleza del bene*, Mateo Lanseros (OSA) y Miguel Fuertes Lanero (OSA).

E

La natura del bene.

Revisão, diagramação, notas adicionais e edição: Souza Campos, E. L. de

Conteúdo

A natureza do bem.....	1
Capítulo I.....	1
Capítulo II	2
Capítulo III	3
Capítulo IV	4
Capítulo V	4
Capítulo VI.....	5
Capítulo VII.....	6
Capítulo VIII	7
Capítulo IX.....	8
Capítulo X	8
Capítulo XI.....	9
Capítulo XII.....	9
Capítulo XIII	10
Capítulo XIV	11
Capítulo XV	11

Capítulo XVI	12
Capítulo XVII	13
Capítulo XVIII.....	13
Capítulo XIX	15
Capítulo XX	16
Capítulo XXI	17
Capítulo XXII.....	18
Capítulo XXIII.....	19
Capítulo XXIV	20
Capítulo XXV.....	21
Capítulo XXVI	23
Capítulo XXVII	24
Capítulo XXVIII.....	24
Capítulo XXIX	25
Capítulo XXX.....	26
Capítulo XXXI	27
Capítulo XXXII	28
Capítulo XXXIII.....	29

Capítulo XXXIV.....	31
Capítulo XXXV	32
Capítulo XXXVI.....	32
Capítulo XXXVII	33
Capítulo XXXVIII	34
Capítulo XXXIX.....	34
Capítulo XL.....	35
Capítulo XLI.....	36
Capítulo XLII	39
Capítulo XLIII	44
Capítulo XLIV	46
Capítulo XLV	48
Capítulo XLVI.....	49
Capítulo XLVII.....	51
Capítulo XLVIII	54
Créditos	56
Conteúdo	57